

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

## **A POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NEGRAS NO CAMPO: O CASO REFAISA**

**Marta Andréia Pereira de Cerqueira<sup>1</sup>; Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante<sup>2</sup>**

1. Bolsista PROBIC, Graduando em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: pmartaandrea@hotmail.com

2. Orientadora, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ludmilaholanda@yahoo.com.br

Palavras-chave: Educação do Campo, Pedagogia da Alternância, Identidade Negra.

### **INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa é resultado do trabalho realizado junto ao projeto Rede de Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semi-Árido: possibilidades de uma educação socioambiental do campo (CONSEPE - UEFS181/2008), que visa discutir e avaliar a dinâmica pedagógica das escolas famílias agrícolas inseridas na Rede de Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semi-Árido (REFAISA).

A Escola Família Agrícola (EFA), é uma instituição conduzida por associações de famílias de agricultores rurais, movimentos sociais e entidades afins. A EFA tem como missão a promoção da formação integral de agricultores/as familiares e trabalhadores/as rurais, tendo em vista o desenvolvimento sustentável local, mediante a educação por Alternância. A Pedagogia da Alternância princípio teórico metodológico utilizado pelas EFAs, é uma proposta diferenciada que percebe o universo pedagógico como resistência cultural à hegemônica proposta educacional implementada historicamente no rural brasileiro. A Pedagogia da Alternância, em consonância com os preceitos das políticas de Educação do campo (BRASIL, 2002), tem procurado contextualizar os sujeitos que estão inseridos nesses ambientes, buscando combater a lógica urbanocêntrica da educação rural (CAVALCANTE, 2007).

O objetivo deste estudo é analisar a perspectiva das EFAs frente à questão das relações étnico- raciais. Para tanto esse projeto tem como foco, o contexto de uma das escolas famílias da rede e a sua dinâmica de trabalho no que concerne o debate étnico-racial.

O problema do racismo nas escolas é complexo e requer um olhar cuidadoso e aprofundado. Salientamos a pouca produção científica em torno do debate da construção da identidade da criança/jovem negra no rural, autores como Stuart Hall (2000), Sodr e (1999), Barcelar e Cardoso (1999) nos possibilitou uma rica compreensão teórica em torno do tema..

### **MATERIAL e MÉTODOS**

Este estudo buscou na pesquisa qualitativa a sua orienta o metodológica. A pesquisa qualitativa tem como uma de suas características principais o pesquisador como seu instrumento e o ambiente natural como sua fonte, “supõem o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situa o que está sendo investigada” (ANDRÉ e LÜDKE, 1986 p.11). O pesquisador terá a fun o de falar sobre o tema estudado sem intervir diretamente ou com intuito de mudá-lo, por tratar-se de um estudo do significado, isto  , o modo como os participantes encaram as questões que estão sendo focalizadas.

O estudo de caso tem como referencia, a Escola Comunitária Família Agrícola de Ribeira do Pombal – ECFARP, que fica localizada em Ribeira do Pombal/BA, a 302 km de Salvador. O estudo de caso requer uma observa o específica e singular de um contexto bem delimitado. Segundo Goode e Hatt (*apud* ANDRÉ e LÜDKE, 1986 p.17) “o caso se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que se tem de  nico”. O desenvolvimento do estudo de caso divide-se em três fases: a

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

de exploratória, a de coleta de dados e, por fim, a análise e interpretação dos dados e elaboração de um relatório final. (NISBET e WATT apud ANDRÉ e LÜDKE, 1986 p. 21). A primeira fase é de reconhecimento dos ambientes que forneceram as fontes da pesquisa; em seguida, a de coletar de dados, sendo fundamental, segundo Lakatos e Marconi (2007, p. 167), o planejamento neste momento, pois quanto mais este for feito previamente, não haverá desperdício de tempo no trabalho de campo.

Para iniciarmos os estudos sobre a pesquisa houve a necessidade de participação em grupos de estudos que são realizados semanalmente com equipe geral do projeto. Também houve a participação nos encontros da equipe pedagógica da REFAISA, que conta com representantes das EFAs da Rede e participação em Encontros de Formação Continuada, os quais foram fundamentais para compreender melhor a temática. Tais encontros organizados pela REFAISA junto com a equipe do projeto geral, trabalham com a capacitação dos monitores/professores das EFAs, via oficinas, discussões, trabalhos em grupos, palestras e dinâmicas em torno de um processo de formação diferenciada, articulando conhecimento tradicional e o conhecimento popular dentro perspectiva da educação do campo.

Saliento que ao longo do convívio com a dinâmica pedagógica da REFAISA (grupos de estudo, encontros de formação e reuniões com a equipe pedagógica da rede), percebemos que a EFA de Ribeira do Pombal com sua comunidade escolar com estudantes quilombolas, indígenas e sertanejos apresentava um rico espaço de análise, para compreender como as EFAs da REFAISA lidam com a formação da identidade negra dos jovens do rural.

Para ampliarmos a compreensão em torno do universo das EFAs, para além das versões extraídas dos discursos dos sujeitos, foi importante conhecer os contextos os quais estudávamos, desse modo o trabalho de campo serviu para conhecermos o universo das escolas famílias *in loco*, e vivenciarmos sua dinâmica política pedagógica, bastante diferenciada dos contextos escolares mais convencionais. Diante de tais visitas foi possível situar a temática do Plano de Trabalho e, a partir daí elaboramos os instrumentos de pesquisa e selecionamos a entrevista semi estruturada. Segundo Moura (1998) a entrevista semi estruturada pode ser “apresentada sob forma de um roteiro preliminar de perguntas, que se molda à situação concreta de entrevista, já que o entrevistador tem liberdade de acrescentar novas perguntas” (p.78).

Para o desenvolvimento dos trabalhos, foram entrevistados 08 monitores (utilizaremos a letra M), perfazendo um total de 90% da categoria. No que concerne o quadro estudantil, tivemos a entrevistamos 15 estudantes (utilizamos a letra E) da 7ª e 8ª série, perfazendo um universo de 20% da comunidade estudantil.

## RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Fizemos a análise das entrevistas realizadas com monitores e educandos da EFA, a partir das transcrições em sua íntegra. Os tópicos relevantes de análise para este estudo foram escolhidos de acordo com o proposto na pesquisa em torno da discussão da educação do campo (via Pedagogia da Alternância), e as relações étnico raciais. Como categorias de análise, consideramos a Etnia, Identidade e a EFA. Para tanto, serão analisados os seguintes aspectos: a relação de convivência étnica na EFA; as atividades pedagógicas desenvolvidas na EFA em torno da relação étnica e, a conscientização étnica dos estudantes da EFA.

Ao questionarmos sobre as relações de convivência diante da diversidade étnica, os entrevistados, nos informaram sobre a existência de preconceitos entre estudantes, no início de sua inserção na dinâmica da EFA.

De acordo com as narrativas dos monitores, foi possível perceber que os jovens chegam à EFA trazendo atitudes racistas, expressões de preconceitos e “desconhecimento”

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

com relação às outras etnias. Os jovens quando chegam à EFA precisam conviver com a diferença, a qual muitas vezes foi colocada mediante categorizações ao outro, como “inferior”, “ruim”, “feio” dentre outros adjetivos, para os sujeitos da pesquisa, tais categorizações são advindas da convivência com a família e até mesmo com a comunidade. O preconceito é aprendido socialmente, pois nenhum indivíduo nasce preconceituoso, ele aprende a sê-lo (GOMES, 2005, p.54). Os julgamentos raciais apresentados são frutos do contato com atitudes raciais negativas que influenciam os jovens e, a EFA tem como função trabalhar com este complexo cenário ao longo da formação no cotidiano da escola.

De acordo com os monitores entrevistados, o currículo da EFA possibilita discussões que envolvem as etnias existentes no contexto. Os mesmos dizem utilizar como instrumentos de atividades seminários, encontros culturais e debates. Os estudantes relatam que as atividades que abordam as relações étnico raciais, a exemplo dos eventos culturais e seminários são relevantes para o conhecimento e assim podem contribuir para respeitar o diferente. “*Aqui na EFA já fala sobre esse assunto e eu acho importante por que, ensina os alunos nos respeitar uns aos outros e saber de onde vêm suas raízes*” (E2, pesquisa de campo, 2010). Em 2003 foi promulgada a Lei 10.639/03 que trata da obrigatoriedade do ensino da história dos africanos e afro-descendentes nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio das escolas públicas e privadas da educação básica nos currículos escolares, esta lei fomenta discussões que pode favorecer para uma nova postura diante da questão racial.

Diante de tal relato, podemos inferir que o jovem acha importante a exploração das raízes dos sujeitos para que possam respeitar, definir-se e identificar-se enquanto grupo social e étnico. Esse reconhecimento (MUNANGA & GOMES, 2006, p.11) também serve para designar o sentimento de pertencimento a um grupo, para conhecer a realidade presente, passada e projetar-se para o futuro. A pesquisa demonstrou que existe uma preocupação da escola com o tema, mas os estudantes ainda se mostraram imaturos, pouco seguros, enquanto portadores deste discurso.

É possível perceber que a EFA desenvolve atividades buscando trabalhar as questões das relações étnico raciais, um exemplo de atividade é a apresentação das culturas das comunidades que integram a instituição em noites festivas com o *Tríduo* de São José, uma festa da religião católica, na qual, segundo relatos da EFA, a celebração buscou acolher as diferentes perspectivas étnicas em encenações para a festa do Padroeiro. Tal relato evidencia a complexidade deste cotidiano, pois ainda que abordando a diversidade cultural, a festa tinha como foco, o referencial católico. O índice de estudantes oriundos de comunidades indígenas, traz para o cotidiano da EFA outras versões de cultura e outras formas de preconceito que ajudam os estudantes negros a perceberem-se também como portadores de visões estereotipadas e prejudiciais ao outro. Esta complexidade torna o debate mais vivo e pertinente. O debate da pluralidade religiosa perpassa pelo currículo, a festa indígena, a orientação católica, o indígena que dança capoeira, são sinais dos diálogos talvez pouco planejados, mas intencionalmente vividos no cotidiano escolar. A vivência plural permite que a convivência étnica torne-se um tema de enfrentamento do cotidiano.

Relatos expressam que é preciso uma conscientização junto às famílias (haja vista a reprodução de estereótipos advindos dos locais em que vivem), quando o monitor afirma: *é preciso focar o trabalho de relação social, de harmonia entre as etnias, então acho que nesse ponto a EFA ainda tá pecando. Pois, o berço maior é lá, então, o que a gente planta aqui se não é regado lá pela família não continua.* (M5, pesquisa de campo, 2010). A interação entre a escola, os estudantes e a família é imprescindível para uma conscientização e valorização da etnia e a construção da identidade, o que tornaria o trabalho mais eficiente,

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

pois os pais são o elo de fundamental importância, entre a EFA e os jovens, para formação da identidade. Fica evidente que a mistura étnica da EFA, constrói um currículo vivo de incomensurável importância para a formação destes jovens do campo e que ironicamente tais jovens tem grandes chances de melhorar a percepção e valorização étnica dos pais no período de alternância.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada nos levou a pensar que é preciso conhecer a história, especialmente, o que foi subtraído para que se possa dar início à construção da identidade negra. A escola é o espaço de fundamental importância para viabilizar esta construção. O seu currículo é o meio que pode dar voz às diversas etnias, culturas e classes sociais existentes na escola, assim, viabilizando uma educação plural a todos os jovens.

Avaliando o que foi previamente discutido acerca da possibilidade de construção da identidade negra na Escola Comunitária Família Agrícola de Ribeira do Pombal – ECFARP, podemos considerar, que esta escola procura incluir no seu currículo, conforme foi relatado pelos monitores, a temática através do Plano de Estudo Origem da Família e Relacionamento Familiar. Esta é uma proposta que procura valorizar as etnias presentes na EFA, e como eles afirmam que “*primam pela convivência em harmonia*” (M3, pesquisa de campo, 2010), esta proposta de estudo é feita logo no início que os alunos são inseridos na escola.

Deste modo, percebemos que a discussão da identidade negra no rural é um tema da escola família de Ribeira do Pombal. A sua configuração multicultural (sertanejos, indígenas e quilombolas) impõe uma prática cautelosa em torno do tema. Mas, entendemos que é preciso que questões como racismo, as histórias africanas, indígenas entre outras, sejam discutidas e fundamentadas, pois possibilitarão que os jovens possam construir uma identidade étnica positiva.

A escola tem o dever de aprofundar a discussão étnico racial, ela não pode eximir-se da tarefa de reconstruir, refletir e alicerçar essas discussões, devendo levar em conta a herança histórica e cultural de cada etnia. A dinâmica da Pedagogia da Alternância, tem a valorização do contexto local como indispensável, o que torna possível o trabalho com as identidades negra, indígenas, do campo. Destarte, é papel da escola trabalhar desde cedo a questão racial, no caso da escola família de Ribeira do Pombal, por se tratar de um ambiente em que a diversidade étnica é visível e demarcada, o enfrentamento em torno do tema é mais do que necessário para romper com atitudes preconceituosas, discriminatórias e racistas e proporcionar um convívio tolerante e de respeito às diferenças étnicas e culturais no campo baiano.

### REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Marli E. D. A. e LUDKE, Menga. 1986. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU.
- BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (orgs.).1999. *Brasil, um país de negros?* – 2.ed. – Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, BA:CEAO.
- BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Parecer 36/2001. Relatora: Edla de Araújo Lira Soares. Colegiado: CEB. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação – Processo no. 23001.000329/2001-55. Aprovado em 04.12.2001
- CAVALCANTE, Ludmila. 2007 *A escola família agrícola – quais caminhos em que direção?* In: Caderno Multidisciplinar – **Educação e Contexto do Semi-Árido**. Rede de Educação do Semi-Árido.
- GOMES, Nilma Lino. 2005. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

Continuada, Alfabetização e Diversidade. Educação anti – racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 – Brasília, (Coleção Educação para Todos) p.39-62

HALL, Stuart. 2000. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Guaracira Lopes Louro – 4ed. – Rio de Janeiro: DP&A.

MOURA, Maria Lucia Seidl de; FERREIRA, Maria Cristina; PAINE, Patricia Ann. (orgs) 1998. **Manual de elaboração de projetos de pesquisa**. Rio de Janeiro: EdUERJ.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. 2006. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo, SP: Global.

SODRÉ, Muniz. 1999. **Claro e Escuros** - identidade, Povo e Mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes.